

O descontentamento e a promessa¹

Pedro Henríquez Ureña²

421

“Farei grandes coisas: o que são, eu não sei”. As palavras do rei louco são o mote que inscrevemos, há cem anos, em nossas bandeiras de revolução espiritual. Venceremos o descontentamento que provoca tantas rebeliões sucessivas? Cumpriremos a ambiciosa promessa?

Sáimos há pouco da espessa nuvem colonial para o ardente sol da independência, sacudimos de nosso espírito a timidez e declaramos domínio sobre o futuro. Mundo virgem, liberdade recém-nascida, repúblicas em fermentação ardorosamente consagradas à imortal utopia: aqui, precisavam ser criadas novas artes, poesia nova. Nossas terras, nossa vida livre, pediam sua expressão.

¹ Conferência proferida em *Amigos del Arte*, Buenos Aires, 28 de agosto de 1926, incluída em *Seis ensayos en busca de nuestra expresión*. Buenos Aires: Babel, 1928; e publicada posteriormente em *La utopía de América*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1978, p. 33-45. Tradução ao português de Renato B. de Oliveira. [N. T.: Seguimos a versão corrigida da *Obra crítica*, México, F.C.E., 1960, organizada por Emma S. Speratti Piñero. Agradeço a Byron Vélez Escallón (UFSC), a Ana Paula Cabrera (UFSM) e a Loren Marie Víturi Berbert (UFSC) pela revisão do presente texto. Este trabalho de tradução foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001].

² Crítico e escritor natural da República Dominicana, Pedro Henríquez Ureña (Santo Domingo, 1884 - Buenos Aires, 1946) teve destacada atuação intelectual no México e na Argentina.

A independência literária

Em 1823, antes das jornadas de Junín e Ayacucho, e ainda inconclusa a independência política, Andrés Bello proclamava a independência espiritual: a primeira de suas *Silvas americanas* é uma alocução à poesia, “professora dos povos e dos reis”, para que ela abandone a Europa – luz e miséria – e busque deste lado do Atlântico o ar saudável que sua rusticidade nativa aprecia. A forma é clássica; a intenção é revolucionária. Com “Alocución”, Juan María Gutiérrez encabeçaria, simbolicamente, nossa primeira grande antologia, a *América poética* de 1846. A segunda das *Silvas* de Bello, três anos depois, ao cantar a agricultura da zona tropical enquanto oculta por detrás das pacíficas sombras imperiais de Horácio e Virgílio o “retorno à natureza” (arma dos revolucionários do século XVIII), esboça todo o programa “século XIX” do engrandecimento material, com a cultura como exercício e coroa. E não é aquele patriarca, criador de civilização, o único que se ilumina em espírito de iniciação e profecia: a fogueira anunciadora pula, como a de Agamenon, de cume em cume e arde no canto de vitória de Olmedo, nos gritos insurgentes de Heredia, nos romances e nas campanhas humanitárias e democráticas de Fernández de Lizardi e até nos *Cielitos*³ e diálogos gauchescos de Bartolomé Hidalgo.

422

Em poucos anos, surge outra nova geração, descontente e desmemoriada. Na Europa ouvíamos dizer ou víamos pessoalmente o romantismo despertando as vozes dos povos. Pareceu-nos um absurdo nossos pais cantando em odes clássicas a aventura romântica de nossa independência. O romantismo abriria o caminho para a verdade, nos ensinaria a completá-lo. Esta era a opinião de Esteban Echeverría, artista limitado – exceto em uma ou duas paisagens de linhas retas e livres de adornos –, porém teórico claro. “O espírito do século – dizia – leva hoje as nações a se emanciparem, a gozar de independência, não só política, mas filosófica e literária”. E entre os jovens a quem arrastou consigo, naquela

³ [N. T.: Os *Cielitos* de Bartolomé Hidalgo eram composições poéticas que costumavam ser dançadas e cantadas com acompanhamento musical de violão. Adquiriram grande popularidade e passaram a formar parte do “*cancionero folclórico rioplatense*”. Trecho retirado e traduzido do sítio: <<https://uruguayeduca.anep.edu.uy/efemerides/471#:~:text=Los%20%Cielitos%20de%20Bartolom%C3%A9%20Hidalgo,parte%20del%20cancionero%20folcl%C3%B3rico%20rioplatense>>].

geração argentina que foi voz continental, falava-se sempre de “cidadania tanto na arte como na política” e de “literatura que levara as cores nacionais”.

Nossa literatura absorveu avidamente água de todos os rios nativos: a natureza; a vida no campo, sedentária ou nômade; a tradição indígena; as recordações da época colonial; as façanhas dos libertadores; a agitação política do momento... A inundação romântica durou muito, em demasia; sob o pretexto da inspiração e da espontaneidade protegeu a preguiça e afogou muitos germens que esperava nutrir... Quando as águas começaram a baixar, não nos quarenta dias bíblicos, mas em quarenta anos, deixaram para trás enormes relvas, arbustos incomuns e duas árvores frondosas, resistentes como os ombus: o *Facundo* e o *Martín Fierro*.

O descontentamento provoca no fim a insurreição necessária: a geração que escandalizou o vulgo sob o modesto nome de “modernista”, lança-se contra a preguiça romântica e impõe-se severas e delicadas disciplinas. Pega seus exemplos da Europa, mas pensa na América. “É como uma família – dizia dela o fascinante, o deslumbrante Martí. Começou pelo rabisco imitado e agora apresenta uma elegância solta e concisa, e uma expressão artística e sincera, breve e talhada, do sentimento pessoal e do juízo crioulo⁴ e direto”. O juízo crioulo! Ou seja: “A esta literatura há de ir-se: a que amplia e revela, a que tira da casca ensanguentada a amêndoa saudável e suculenta, a que fortalece e levanta o coração da América”. Se Rubén Darío detestava, nas palavras iniciais de *Prosas profanas*, “a vida e o tempo em que lhe coube nascer”, paralelamente, fundava a *Revista de América*, cujo nome é projeto e, com o tempo, foi se convertendo em autor do jambo contra Roosevelt, do “Canto a la Argentina” e da “Viaje a Nicaragua”. Rodó, comentador entusiasta de *Prosas profanas*, é quem logo declara, estudando Montalvo, que “só foram grandes na América aqueles que desenvolveram, a partir da palavra ou da ação, um sentimento americano”. Agora, trinta anos depois, juventudes inquietas aparecem outra vez na América espanhola, irritam-se contra os mais velhos e dispõem-se a trabalhar seriamente em busca de nossa expressão genuína.

⁴ [N. T.: *criollos* eram os descendentes de espanhóis nascidos na América].

Tradição e rebelião

Os inquietos de agora queixam-se de que os antepassados tenham vivido atentos à Europa, nutrindo-se da imitação, sem perceberem o mundo que os rodeava: esquecem que a cada geração, desde cem anos atrás, o descontentamento e a promessa são renovados. Existiram, sim, ainda existem, os europeizantes, os que chegam a abandonar o idioma espanhol para escrever em francês ou, pelo menos, escrevendo em nosso próprio idioma, ajustam seu estilo aos moldes franceses e até pedem à França suas ideias e seus assuntos. Ou os hispanizantes, doentes da loucura gramatical, hipnotizados por tudo da Espanha que não tenha sido transplantado a estas terras.

Entretanto, atrevemo-nos a duvidar de tudo. Estes crimes são realmente incomuns e imperdoáveis? O crioulisto fechado, o afã nacionalista, o delírio multiforme em que coincidem homens e mulheres até de bandos inimigos, é a única saída? Nossa preocupação é de espécie nova. Raras vezes a conheceram, por exemplo, os romanos: para eles, as artes, as letras e a filosofia dos gregos eram a norma; à norma sacrificaram, sem temor nem queixa, qualquer tradição nativa. O *carmen saturnium*, sua “*versada crioula*”, teve que ceder lugar ao verso métrico; os brotos autóctones da diversão teatral acabavam esmagados pelas rodas do carro que trazia da casa alheia a carga de argumentos e formas; até a lenda nacional se retocava, na epopeia aristocrática, para ligá-la a Ílion; e se poucos escritores atreviam-se a mudar de idioma (apesar do exemplo imperial de Marco Aurélio, cuja prosa grega não é melhor que a francesa de nossos amigos de hoje), a viagem a Atenas, a desmesurada Atenas dos tempos de Augusto, teve o caráter ritual de nossas viagens a Paris, e tal acontecimento era celebrado, como agora, com banquete obrigatório, com odes de despedida como a de Horácio ao navio no qual Virgílio embarcou. A alma romana encontrou expressão na literatura, mas a partir de preceitos alheios, a partir da imitação transformada em método de aprendizagem.

Tampouco a Idade Média encarou com vergonha as imitações. Ao contrário: todos os povos, apesar de suas características inapagáveis, aspiravam aprender e aplicar as normas que a França do Norte dava para a

canção de gesta, as leis do trovar que a Provença ditava para a poesia lírica; e uns quantos temas iam e vinham de reino em reino, de povoado em povoado: proezas carolíngias, históricas célticas de amor e de encantamento, tergiversações fantásticas da guerra de Troia e das conquistas de Alexandre, contos da raposa, danças macabras, mistérios do Natal e da Paixão de Cristo, farsas de carnaval... Mesmo o idioma era acolhido, temporal e parcialmente, à moda literária: o provençal, em todo o Mediterrâneo latino; o francês, na Itália, com o cantar épico; o galego, em Castela, com o cantar lírico. Lutava-se, sim, em favor do idioma próprio, mas contra o latim moribundo, entrincheirado na Universidade e na Igreja, sem sangue da vida real, sem o prestígio das Cortes ou das festas populares. Como exceção, a Inglaterra do século XIV põe abaixo a frondosa árvore francesa plantada ali pelo conquistador do século XI.

425

E o Renascimento? O esforço renascentista consagra-se em buscar não a expressão característica, nem nacional nem regional, mas a expressão arquetípica, a norma universal e perfeita. Concentram seus empenhos em descobri-la e defini-la a Itália e a França, apoiando-se no estudo da Grécia e Roma, arca de todos os segredos. A França desenvolveu ao máximo este imperialismo dos paradigmas espirituais. Assim, a Inglaterra e a Espanha possuíram sistemas próprios de arte dramática, o de Shakespeare e o de Lope;⁵ mas no século XVIII, foram se apegando às imposições de Paris: a expressão do espírito nacional somente poderia ser alcançada através de fórmulas internacionais.

Sobreveio, ao fim, a rebelião que assaltou e botou abaixo o império clássico, culminando na batalha das nações, que foi travada em todas as frentes, da Rússia até a Noruega, da Irlanda até a Catalunha. O problema da expressão genuína de cada povo está na essência da revolução romântica, junto com a negação dos fundamentos de toda doutrina retórica, de toda fé nas “regras da arte” como chave da criação estética. E, de geração em geração, cada povo afia e aguça suas teorias nacionalistas, justamente na

⁵[Nota de Emma S. Speratti Piñero: Omitimos o seguinte parêntese, tachado por P.H.U.: “(improvisador genial, mas débil de consciência artística e até pede desculpas por escrever ao gosto de seus compatriotas)”].

medida em que a ciência e a técnica multiplicam as uniformidades do mundo. A cada concessão prática vai unida uma rebelião ideal.

O problema do idioma

Nossa inquietude é compreensível. Contagiados e esporeados, padecemos aqui, na América, de uma urgência romântica de expressão. Temores súbitos nos atingem: queremos dizer nossa palavra antes que sabe-se lá qual dilúvio iminente nos sepulte.

Em todas as artes se coloca o mesmo problema. Entretanto, para a literatura o problema é duplamente complexo. Sinceramente, um músico poderia, se crê encontrar nisso a garantia da originalidade, renunciar à linguagem tonal da Europa: ao filho de povos onde subsiste o indígena – como no Peru ou Bolívia – é oferecido o arcaico, porém perene sistema nativo, que desde a sua escala pentatônica se afasta do europeu. E o homem de países onde prevalece o espírito crioulo é dono de materiais preciosos, embora não sejam estritamente autóctones: música trazida da Europa ou da África, mas impregnada de sabor das novas terras e da nova vida, que é filtrada no ritmo e na partitura.

426

Nas artes plásticas também é possível renunciar à Europa, como no sistema mexicano de Adolfo Best, construído sobre os sete elementos lineares do desenho asteca, com franca aceitação de suas limitações. Ou, pelo menos, se sentimos que tal renúncia é excessiva, há sugestões de vários tipos na obra do indígena, na do crioulo de tempos coloniais que fez sua a técnica europeia (com esplendor de domínio na arquitetura), na obra popular de nossos dias, até na pedra, na madeira, na fibra e na tinta que dão as terras natais.

De todo modo, na música e nas artes plásticas é nítida a divisão de caminhos: ou do europeu, ou do indígena, ou o caminho crioulo, ainda indeciso e laborioso. O caminho indígena talvez represente empobrecimento e limitação e, para muitos – aqueles cujas cidades nunca recebem o antigo senhor do lugarejo – resulta um caminho exótico: paradoxo tipicamente nosso. Mas, estranhas ou familiares, longínquas ou próximas, a linguagem tonal e a linguagem plástica de linhagem indígena são inteligíveis.

Em literatura o problema é complexo, é duplo: o poeta e o escritor se expressam no idioma recebido da Espanha. Ao homem da Catalunha ou da Galícia, basta-lhe escrever em sua língua vernácula para realizar a ilusão de sentir-se distinto do castelhano. Para nós, esta ilusão é fruto proibido ou inacessível. Voltar às línguas indígenas? O homem de letras geralmente as ignora; e a dura tarefa de estudá-las e de escrever a partir delas o levaria à consciência de ser entendido entre poucos e à redução imediata de seu público. Houve, depois da conquista e até hoje, a composição de versos e de prosa em língua indígena porque ainda existem enormes e difusas populações aborígenes que falam cem – senão mais – idiomas nativos; mas raras vezes essa literatura é animada com propósitos lúcidos de persistência e oposição. Criar idiomas próprios, filhos e sucessores do castelhano? Existiu até anos atrás – grave temor de uns e esperança louca de outros – a ideia de que íamos embarcados na aleatória tentativa de criar idiomas crioulos. A nuvem dissipou-se a partir da pressão unificadora das relações constantes entre os povos hispânicos. A tentativa, supondo-a possível, iria demandar séculos escavando, fosso atrás de fosso, entre o idioma de Castela e as germinantes na América, resignando-nos com heroísmo franciscano a uma rastejante e empobrecida expressão dialetal enquanto não aparecesse o Dante criador de asas e garras. Observemos, de passagem, que a fala gauchesca do Rio da Prata, principal substância daquela nuvem dissipada, não traz em si diversidade suficiente para decretá-la sequer como dialeto, como o de Leão ou de Aragão: seu leve matiz não a afasta de Castela, ou de *Martín Fierro*, ou de *Fausto*, que não são galhos mais afastados do tronco linguístico que as *coplas*⁶ murcianas ou andaluzes.

Não renunciamos a escrever em espanhol, e nosso problema de expressão original e próprio começa aí. Cada idioma é uma cristalização de modos de pensar e sentir, e tudo que nele se inscreve se banha na cor de seu

⁶ [N. T.: *Copla* é um gênero musical espanhol com influência do flamenco que apresenta variantes regionais como as murcianas e andaluzes. Cf. verbete “copla” no *Diccionario de la lengua española* da Real Academia Española, 23.^a ed., (versión 23.5 en línea). Disponível em: <<https://dle.rae.es/copla>>. Acesso em: 11 Mar. 2022].

crystal. Nossa expressão necessitará de um duplo vigor para impor sua tonalidade sobre o vermelho e o amarelo.⁷

As fórmulas do americanismo

Examinaremos as principais soluções propostas e ensaiadas para o problema de nossa expressão na literatura. E não me tachem precipitadamente de cândido otimista por dar a todas elas aprovação provisória: ao final se verá o porquê.

Em primeiro lugar, a natureza. A literatura descritiva deveria ser, pensamos durante muito tempo, a voz do Novo Mundo. Agora esta ideia não goza de muito prestígio: abusamos da sua aplicação; existe em nossa poesia romântica tantas paisagens como em nossa pintura impressionista. A tarefa de descrever, que nasceu do entusiasmo, degenerou em hábito mecânico. Entretanto, ela educou nossos olhos: do quadro convencional dos primeiros escritores coloniais, que raramente davam conta da face genuína da terra, como nas serras peruanas do Inca Garcilaso, passamos pouco a pouco e, finalmente, chegamos – com a ajuda de Alexander von Humboldt e de Chateaubriand – à visão direta da natureza. Depois do longo esquecimento da literatura do século XIX, seria justo e proveitoso arrancar uma vivaz coleção de paisagens e miniaturas da fauna e flora. Para compreender basta que recordemos, talvez com surpresa, como conquistamos (trecho por trecho) os elementos pictóricos de nossos pares de continentes, inclusive o aroma espiritual que exala deles: a colossal montanha, as vastas planícies de ar rarefeito e a luz tranquila em que recorta bruscamente o perfil rochoso, as terras cálidas do trópico com seu emaranhado de selvas, seu mar que ensurdece e sua luz que embriaga; o pampa profundo; o deserto “inexorável e ameaçador”. Nossa atenção à paisagem engendra preferências que encontram palavras veementes: temos partidários da planície e partidários da montanha. E, enquanto aqueles cujo olhar se acostumou a não encontrar outro limite senão o horizonte se sentem

⁷ [N. T.: No original “*Nuestra expresión necesitará doble vigor para imponer su tonalidad sobre el rojo y el gualda*”. “*El gualda*”: trata-se do amarelo que tinge, ao lado do vermelho, a bandeira da Espanha e deriva da flor da planta de mesmo nome. Em português, a planta – cujo nome científico é *Resedaluteola* – é conhecida como gouda, gauda ou lírio-dos-tintureiros].

oprimidos pela proximidade das alturas, como Miguel Cané na Venezuela e na Colômbia, os outros se queixam da paisagem “plana demais”, como o personagem da *Xaimaca* de Güiraldes ou, então, com vontade de amá-la, vencem a impressão inicial de monotonia e desamparo e contam como, depois de um tempo percorrendo o pampa, já não o vemos: vemos um outro pampa que se formou em nosso espírito (Gabriela Mistral). Nos aproximamos do espetáculo da zona tropical: para o nativo é rico em luz, cor e calor, mas lânguido e cheio de moleza; tudo se dilui em longas contemplações, em conversas saborosas, em danças lentas,

*y en las ardientes noches del estío
la bandola y el canto prolongado
que une su estrofa al murmurar del río...*⁸

Entretanto, o homem de climas temperados vê o trópico a partir de um deslumbramento angustiante: assim aconteceu com Mármol no Brasil, naqueles versos célebres, metade supérfluo e metade consideradas experiências vividas; assim viu Sarmiento naquela breve e conclusiva nota sobre o Rio de Janeiro:

429

Los insectos son carbunclos o rubíes, las mariposas plumillas de oro flotantes, pintadas de aves, que engalanan penachos y decoraciones fantásticas, verde esmeralda la vegetación, embalsamadas y purpúreas las flores, tangible la luz del cielo, azul cobalto el aire, doradas a fuego las nubes, roja la tierra y las arenas entremezcladas de diamantes y topacios.⁹

À natureza acrescentamos o habitante primordial. Ir até o indígena! Agenda que nasce e renasce a cada geração sob muitas formas e em todas as artes. Na literatura nossa interpretação do indígena tem sido irregular e caprichosa. Agregamos pouco àquela forte visão dos conquistadores como Hernán Cortés, Ercilla, Cieza de León, e dos missionários como frei Bartolomé de Las Casas. Eles acertaram na definição de dois tipos exemplares, que a Europa acolheu e incorporou em seu repertório de figuras

⁸ “e nas noites ardentes do estio / a bandola e o canto prolongado / que une sua estrofe ao murmurar do rio...”. [N. T.: Versos de “Palmas”, do escritor mexicano Rafael Delgado; o poema foi publicado na *Antología de Poetas Mexicanos*, 2ª ed. México: Oficina Tip. de la Secretaría de Fomento, 1894, t. I, p. 232-235].

⁹ “Os insetos são carbúnculos ou rubis, as borboletas são penas douradas flutuantes, as aves são pintadas e têm plumas e decorações fantásticas, a vegetação é verde esmeralda, as flores são embalsamadas e roxas, a luz do céu é tangível, o ar é azul cobalto, as nuvens são douradas com fogo, a terra é vermelha e as areias são misturadas com diamantes e topázio.”

humanas: o “índio hábil e discreto”, educado em civilizações próprias que são complexas e refinadas, singularmente dotado para as artes e para as indústrias; e o “selvagem virtuoso”, que carece de uma civilização mecânica, mas vive em ordem, justiça e bondade, personagem que tanto serviu aos pensadores europeus para criar a imagem do hipotético homem do “estado de natureza” anterior ao contrato social. Em nossos cem anos de independência, a preguiça romântica impediu-nos de dedicar muita atenção àqueles impérios magníficos cuja interpretação literária exigiria estudos arqueológicos prévios; a falta de simpatia humana dificultou nossa aproximação aos sobreviventes de hoje antes dos últimos anos, exceto em casos como o memorável dos *Indios ranqueles*. E, por fim, fora o livro ímpar e delicioso de Mansilla, as melhores obras do assunto indígena foram escritas em países como Santo Domingo e Uruguai, onde o aborígine de raça pura persiste apenas em cantos longínquos e foi diluído em lembrança sentimental. “O espírito dos homens flutua sobre a terra em que viveram e nela esse espírito respira”, dizia Martí.

430

Depois do índio, o crioulo. O movimento *criollista* tem existido por toda América espanhola com interrupções e aspirou recolher as manifestações da vida popular, urbana e campestre, com natural preferência pelo campo. Seus limites são vagos; no pampa argentino o crioulo opunha-se ao índio, seu inimigo tradicional, enquanto que no México, na América Central e em toda a região dos Andes e sua vertente do Pacífico, nem sempre existe uma fronteira perceptível entre os costumes de caráter crioulo e os de caráter indígena. Assim mesclados eles refletem na literatura mexicana, como nos romances de Guillermo Prieto e no *Periquillo* de Lizardi, tanto o despertar do romance em nossa América quanto a despedida da picaresca espanhola. Não há país onde a existência crioula não inspire quadros de cor peculiar. Entre todas, a literatura argentina tanto no idioma culto quanto no idioma *campesino*, soube apoderar-se da vida do *gaucho* numa visão tão profunda quanto o pampa. Facundo Quiroga, Martín Fierro e Santos Vega são figuras definitivamente plantadas dentro do horizonte ideal de nossos povos. E não creio na realidade da queixa de Fierro contra Quiroga. Sarmiento, como civilizador, impelido à ação e atazanado pela pressa, escolheu para o futuro de sua pátria o atalho europeu e norte-

americano ao invés da trilha crioula, ainda sem forma, longa, demorada, talvez interminável ou desembocando num beco sem saída; mas ninguém sentiu melhor do que ele os ímpetos soberbos e a originalidade pungente da barbárie que aspirava destruir. Em tais oposições e em tais decisões está o Sarmiento aquilino: a mão inflexível escolhe; o espírito amplo abre-se a todos os ventos. Quem compreendeu melhor que ele a Espanha, a Espanha cuja má herança quis jogar ao fogo, quem a visitou “com o santo propósito de levantar-lhe o processo verbal”, mas que às vezes o fazia agitar-se em explosões de simpatia? Quem melhor do que ele anotou as limitações dos Estados Unidos, destes Estados Unidos cuja perseverança construtora exaltou como modelo exemplar?

Existe outro americanismo, que evita o indígena e o *criollismo* pitoresco, e insere a ponte intermediária da era colonial, lugar de encontro para muitos, antes e depois de Ricardo Palma: seu preceito único é ater-se sempre ao Novo Mundo nos temas, tanto na poesia como no romance e no drama, assim como na crítica e na história. E, para mim, dentro desta fórmula simples como dentro das anteriores, temos alcançado, em momentos felizes, a expressão vívida que perseguimos. Em momentos felizes, recordemos.

431

O afã europeizante

Agora, voltemos nosso olhar aos europeizantes, àqueles que, descontentes com todo americanismo com aspirações de sabor autóctone, descontentes até em relação à nossa natureza, prometem-nos a saúde espiritual se mantivermos rígidos e firmes os laços que nos atam à cultura europeia. Acreditam que nossa função não é criar, começando desde os princípios e indo até à raiz das coisas, senão continuar, prosseguir e desenvolver sem romper tradições nem vínculos.

Nós conhecemos os exemplos que invocariam, os mesmos exemplos que nos serviram para rastrear a origem de nossa rebelião nacionalista: Roma, a Idade Média, o Renascimento, a hegemonia francesa do século XVIII. Detenhamo-nos novamente diante deles. Não terão razão os arquétipos clássicos contra a liberdade romântica que utilizamos e de que abusamos? Não estará o segredo único da perfeição em ater-nos à linha

ideal que segue a cultura ocidental desde suas origens remotas? Ao *criollista* que se defende – talvez a única vez em sua vida – com o exemplo de Grécia, será fácil demonstrar a ele que o milagre grego, quanto mais solitário e mais original que as criações de seus sucessores, trazia em si antigas heranças: nem os milagres surgem do nada. Grécia, mãe de tantas invenções estupendas, aproveitou o trabalho alheio, retocando e aperfeiçoando-o; mas, na opinião do *criollista*, os gregos trataram de aproximar-se dos cânones e dos paradigmas que outros povos – antecessores ou contemporâneos – buscaram com uma intuição confusa.¹⁰

Todo isolamento é ilusório. A história da organização espiritual de nossa América, depois da emancipação política, nos dirá que nossos próprios orientadores foram, em momento oportuno, europeizantes: Andrés Bello, que de Londres lançou a declaração de nossa independência literária, foi reputado de europeizante pelos argentinos desterrados vinte anos depois, quando organizava a cultura chilena; e os mais violentos censores de Bello, de regresso a sua pátria, tinham que empreender tarefas de europeização para que, agora, os devotos do *criollismo* puro o ataquem.

432

Temos pressa em conceder aos europeizantes tudo o que lhes pertence, mas nada além disso e, ao mesmo tempo, tranquilizemos o *criollista*. Não seria somente ilusório o isolamento – a rede de comunicações o impede –, além disso, temos o direito de tomar da Europa tudo aquilo que nos deleita: temos direito a todos os benefícios da cultura ocidental. E na literatura – moldando o nosso problema –, recordemos que a Europa estará presente, pelo menos, no rastro histórico deixado pelo idioma.

Aceitemos francamente como inevitável esta situação complexa: ao nos expressar haverá em nós, juntamente com uma única porção nossa, filha de nossa vida, às vezes com herança indígena, outra porção substancial, ainda que seja somente a moldura, que recebemos da Espanha. Irei ainda mais longe: não somente escrevemos no idioma de Castela, mas pertencemos à România, à família românica que ainda constitui uma

¹⁰ Victor Bérard, o helenista revolucionário, chega a pensar que a epopeia homérica foi “produto do gênio nacional e fruto lentamente maturado de longos esforços nativos, mas também brusco resultado de influências e de modelos exóticos: em todo país e em toda arte não aparecem os grandes nomes na encruzilhada de uma tradição nacional e de uma intervenção estrangeira?” (*L’Odyssée*, texto e tradução, Paris, 1924).

comunidade, uma unidade de cultura descendente daquela que Roma organizou sob sua autoridade; pertencemos – segundo a repetida frase de Sarmiento – ao Império Romano. Literariamente, desde que as línguas românicas adquiriram plenitude de vida, à România nunca lhe faltou um centro sucessor da Cidade Eterna: do século XI ao XIV foi a França, com oscilações iniciais entre Norte e Sul; com o Renascimento, se desloca até a Itália; então, durante pouco tempo, tende a situar-se na Espanha; desde o reinado de Luís XIV, o centro volta a ser a França. Muitas vezes a România estendeu seu influxo às zonas estrangeiras, e sabemos como Paris governava a Europa e as duas Américas no século XVIII; mas, desde o começo do século XIX, definem-se zonas rivais em aberta e perdurável oposição: a germânica, suscitadora de rebeldia; a inglesa, que abarca a Inglaterra e seu império colonial agora em dissolução, e os Estados Unidos; a eslava... Até politicamente nascemos e crescemos na România. Antonio Caso aponta com precisão os três acontecimentos da Europa cuja influência é decisiva para nossos povos: o Descobrimento, que é acontecimento espanhol; o Renascimento, italiano; a Revolução, francês. O Renascimento dá forma – na Espanha isso se deu de modo incompleto – à cultura que seria transplantada ao nosso mundo; a Revolução é o antecedente de nossas guerras de independência. Os três acontecimentos são de povos românicos. Não temos relação direta com a Reforma, nem com a evolução constitucional da Inglaterra, e até a independência e a Constituição dos Estados Unidos alcançam prestígio entre nós graças à propaganda que a França fez delas.

A energia nativa

Tudo isso concedido, que é tudo o que em bom direito o europeizante há de querer, passemos a tranquilizar o crioulo fiel recordando-lhe que a existência da România como unidade, como entidade coletiva da cultura, e a existência de um centro orientador, não são incômodos definitivos para nenhuma originalidade, porque aquela comunidade tradicional afeta somente as formas de sua cultura, enquanto que o caráter original dos povos deriva de seu fundo espiritual, de sua energia nativa.

Excetuando os fugazes momentos em que se adotou com excessivo rigor uma fórmula estreita, por excessiva fé na doutrina retórica, ou durante os períodos em que uma decadência nacional de todas as energias o fez emudecer, cada povo tem se expressado com plenitude de caráter dentro da comunidade imperial. E na Espanha, dentro do idioma central, sem recorrer aos rivais, as regiões se definem às vezes com perfis únicos na expressão literária. Assim se dá, por exemplo, entre os poetas: a secular oposição entre Castela e Andaluzia, o contraste entre frei Luis de León e Fernando de Herrera, entre Quevedo e Góngora e entre Espronceda e Bécquer.

O idioma partilhado não nos obriga a nos perder na massa de um coro cuja direção não está em nossas mãos: somente nos obriga a depurar nossa nota expressiva, a buscar o acento inconfundível. Do desejo de alcançá-lo e sustentá-lo nasce todo o quebra-cabeças de cem anos de independência proclamada; daí as fórmulas de americanismo, as promessas que cada geração escreve, somente para que a seguinte as esqueça ou as rechace, daí a reação, filha do inconfessado desalento, nos europeizantes.

434

A sede por perfeição

Chegamos ao término de nossa viagem pelo confuso palácio, pelo labirinto agitado de nossas aspirações literárias, em busca de nossa expressão original e genuína. E, em direção à saída, acredito retomar o fio oculto que me serviu de guia.

Meu fio condutor tem sido pensar que não existe só um segredo da expressão: trabalhá-la profundamente, esforçar-se em torná-la pura, indo até a raiz das coisas que queremos dizer; afinar, definir, com sede de perfeição.

A sede de perfeição é a única norma. Se nos contentarmos em usar o achado alheio, do estrangeiro ou do compatriota, nunca comunicaremos a revelação íntima; se nos contentarmos com a morna e confusa enunciação de nossas instituições, as desvirtuaremos diante do ouvinte e lhe parecerão coisa vulgar. Mas quando se alcança a firme expressão de uma intuição artística, temos nela não somente o sentido universal, mas a essência do espírito que a possuiu e o sabor da terra de que se nutriu.

Cada fórmula de americanismo pode prestar serviços (por isso dei a todas elas uma aprovação provisória); o conjunto das que discutimos nos dá

uma soma de aquisições úteis, que torna flexível e maleável o material originário da América. Mas toda fórmula, ao repetir-se, degenera em mecanismo e perde sua eficácia primitiva; se torna receita e engendra uma retórica.

Cada grande obra de arte cria os meios próprios e peculiares de expressão; aproveita as experiências anteriores refazendo-as, porque não é uma soma, senão uma síntese, uma invenção. Ao buscar a expressão de nosso mundo, nossos inimigos são a falta de esforço e a ausência de disciplina, filhos da preguiça e da ignorância, ou da vida em perpétuo distúrbio e mudança, cheia de preocupações alheias à pureza da obra: nossos poetas e nossos escritores foram várias vezes, em parte ainda o são, homens ligados à ação, à faina política e até à guerra, e não faltam entre eles condutores e iluminadores de povos.

O futuro

435

Agora, pelo menos no Rio da Prata, começa a se constituir a profissão literária. Com ela deverão vir a disciplina e o repouso que permitem empenhos de grande importância. Faz falta a colaboração viva e clara do público: tempo demais se passou entre a falta de atenção e a excessiva indulgência. O público será exigente; mas colocará o interesse na obra da América. Para que existam grandes poetas, dizia Walt Whitman, devem existir grandes auditórios.

Somente um temor me detém, e lamento perturbar o canto de esperanças com uma nota pessimista. Agora que parecemos navegar em direção ao porto seguro, não chegaremos tarde? O homem do futuro se interessará pela criação artística e literária, na perfeita expressão dos anseios superiores do espírito? O ocidental de hoje se interessa por elas menos do que ontem, e menos ainda que o de tempos longínquos. Há cem, cinquenta anos, quando se predizia a desapareção da arte, rechaçava-se o agouro com gestos fáceis: “sempre existirá poesia”. Mas, depois – fenômeno novo na história do mundo, insuspeito e surpreendente – temos visto surgirem prósperas sociedades ativas e, ao que parece, felizes, da cultura ocidental, a quem não preocupa a criação artística, a quem lhe basta a indústria, ou se contentam com a arte reduzida a processos industriais: Austrália, Nova

Zelândia e mesmo o Canadá. Os Estados Unidos não seriam o experimento intermediário? E na Europa, se bem que abunde a produção artística e literária, o interesse do homem contemporâneo não é o que foi. A arte havia obedecido até agora a dois fins humanos: i) a expressão dos anseios profundos, da ânsia de eternidade, do utópico e sempre renovado sonho da vida perfeita; ii) o jogo, o consolo imaginativo em que descansa o espírito. A arte e a literatura de nossos dias recordam apenas agora sua antiga função transcendental; somente nos sobra o jogo... E a arte, reduzida à diversão, por muito que seja diversão inteligente, pirotecnia do engenho, acaba em aborrecimento.

Não quero terminar em tom pessimista. Se as artes e as letras não se apagam, temos o direito de considerar seguro o porvir. Trocaremos a modesta caixa em que agora guardamos nossas escassas joias pela arca de tesouros, e não teremos motivo para temer o selo alheio do idioma que escrevemos, porque então terá passado a estes lados do Atlântico o eixo espiritual do mundo espanhol.